



**ANNUAL
MEETINGS**
2022 | WASHINGTON DC
INTERNATIONAL MONETARY FUND
WORLD BANK GROUP

October 14, 2022 (P)

Address by **KRISTALINA GEORGIEVA**,
Chair of the Executive Board and
Managing Director of the International Monetary Fund,
to the Board of Governors of the Fund
at the Joint Annual Discussions

TEXTO PREPARADO PARA A INTERVENÇÃO

O papel do FMI num mundo mais propenso a choques

Por Kristalina Georgieva, Diretora-Geral do FMI

Sessão plenária das Reuniões Anuais do FMI e do Banco Mundial, 14 de outubro de 2022

Obrigado, Sr. Abdullah, pelas suas observações. aguardo com o maior entusiasmo a COP 27 que irá decorrer no Egito no próximo mês. É um verdadeiro prazer estar novamente na presença de tantos colegas e amigos três anos depois.

Fazendo minhas as palavras de John Maynard Keynes, um dos pais fundadores do FMI: “*os melhores economistas estudam o presente à luz do passado, tendo em vista o futuro”.*

São palavras que se aplicam perfeitamente às circunstâncias atuais — a começar pela luz emitida pelo passado recente.

O passado

Desde a última vez que nos reunimos pessoalmente, o mundo enfrentou enormes turbulências provocadas por uma pandemia, uma guerra e uma inflação recorde que deu origem a uma crise do custo de vida.

Para os responsáveis políticos, a pandemia criou a necessidade de tomar medidas extraordinárias para proteger as populações e as empresas dos piores efeitos desse choque. Foram medidas vitais que, no entanto, levaram a despesas adicionais que atingiram **10%** do PIB mundial nos primeiros 18 meses da pandemia.

Mas como as crises se sucederam, muitos países tiveram de fazer face a uma forte redução das suas reservas e a um aumento das pressões externas. Esta situação levou o FMI a intensificar o seu apoio, concedendo novos financiamentos no valor total de **260 mil milhões de dólares** a **93** economias a uma velocidade recorde desde o aparecimento da COVID-19. Desde a invasão da Ucrânia pela Rússia, a instituição prestou apoio a **16** países com cerca de **90 mil milhões de dólares** e **28** países manifestaram interesse pelo apoio do FMI. A isto soma-se a alocação histórica de DSE realizada no ano passado e cujo montante equivale a **650 mil milhões de dólares**.

Mesmo quando os países respondiam com celeridade aos desafios imediatos e prementes, as vulnerabilidades iam acumulando-se.

Os desequilíbrios entre oferta e procura, as políticas de apoio adotadas durante a pandemia e a invasão da Ucrânia pela Rússia agravaram as pressões inflacionistas. A dívida soberana atingiu níveis recorde em 2020 e as projeções para este ano continuam a situá-la em **91% do PIB**

mundial. Por outro lado, uma política monetária acomodatória fez subir os preços dos ativos mais arriscados.

Estamos a assistir a uma transformação radical, caracterizada pela passagem de um período de relativa estabilidade, taxas de juro baixas e fraca inflação para um período de taxas de juro elevadas aliadas a um forte aumento da inflação, onde existe uma maior incerteza. Esta transição ocorre numa altura em que as catástrofes climáticas são muito mais frequentes e extremas e as tensões geopolíticas tornam a cooperação mundial muito mais difícil.

Estamos a entrar numa **nova zona de perigo** onde um mundo mais fragmentado, mais frágil e mais propenso a choques pode rapidamente destabilizar os países, muitas vezes sem que estes tenham culpa.

Depois de superar desafios extraordinários ao longo dos últimos dois anos e meio, os desafios que nos esperam no futuro prometem também eles serem extraordinários. Pois é provável que o caminho que temos pela frente seja igualmente duro, se não mais.

Presente

Virando agora a atenção para o presente, as projeções do FMI situam o crescimento mundial para o próximo ano em 2,7%, o que constituirá a quarta revisão em baixa em 12 meses. Além disso, há 25% de probabilidade de o crescimento cair abaixo de **2%**. Os mercados assumiram um comportamento extremamente volátil e o risco de uma recessão está a aumentar em muitas economias.

O desafio mais premente, neste momento, é reduzir a inflação. Os bancos centrais já começaram a envidar esforços para restaurar a estabilidade dos preços com uma aceleração acentuada de medidas que visam endurecer as condições financeiras. É a abordagem certa, no entanto, terá um custo elevado: o crescimento irá abrandar e o desemprego irá aumentar à medida que a política monetária se torna mais restritiva.

É essencial formular uma política orçamental apropriada. A prioridade deve ser proteger as famílias vulneráveis com medidas específicas para aliviar o impacto causado pelo aumento dos preços dos bens alimentares e dos combustíveis.

Ao mesmo tempo, a política orçamental deve *complementar e não contrariar* a política monetária. Isto significa que qualquer nova despesa deve ser compensada por poupanças ou novas receitas para evitar o aumento da inflação.

A necessidade de reconstituir as reservas e reduzir a dívida torna isto duplamente importante. A pandemia ilustrou claramente a importância do espaço orçamental, assim como o quão imperativo é abordar as vulnerabilidades pré-existentes.

Enquanto procuram estabelecer o equilíbrio certo entre medidas monetárias e medidas orçamentais, as autoridades não podem perder de vista as tensões que abalam o setor financeiro. A política macroprudencial deve, portanto, ser formulada de modo a evitar o fracasso de

instituições de importância sistêmica, utilizando instrumentos específicos para lidar com grupos de grande vulnerabilidade entre as instituições financeiras não bancárias e o mercado de crédito.

O caminho a percorrer pelos responsáveis políticos é extremamente sinuoso. Não há margem para erros. Pois basta um para transformar os desafios atuais em problemas mais profundos: um longo ciclo de baixo crescimento, uma inflação ancorada ou mesmo crises da dívida soberana que poderiam propagar-se.

Por outro lado, um conjunto de políticas bem calibradas permitiria, a longo prazo, um crescimento mais duradouro, preços mais estáveis e finanças públicas mais saudáveis. Além disso, veríamos surgir economias mais resilientes e mais bem preparadas para enfrentar choques.

O futuro

Com os olhos postos no futuro, se tomarmos as escolhas certas poderemos evitar o pior.

É preciso, antes de mais, adotar uma **mentalidade mais pró-ativa e cautelosa**, para criar resiliência num mundo mais propenso a choques. Há três pilares de resiliência: **economias resilientes, pessoas resilientes e um planeta resiliente**.

Em primeiro lugar, economias resilientes.

Não obstante a acumulação dos riscos, devemos **reforçar os fundamentos**.

Devemos começar por quadros orçamentais a médio prazo credíveis.

Porquê? Porque uma política orçamental assente num sólido conjunto de normas ajuda a garantir perspectivas mais previsíveis e fomenta a estabilidade macroeconómica. Mais importante ainda, quadros credíveis cimentam a confiança vital dos credores para que os governos consigam manter planos de despesa vitais e estabilizar as suas dívidas sem terem de impor medidas de austeridade drásticas.

Alguns países já enfrentam graves problemas de endividamento.

Mais de **60%** dos países de baixo rendimento e mais de **25%** dos mercados emergentes estão em alto risco de sobre-endividamento ou já se encontram nessa situação. E o panorama irá agravar-se se as taxas de juro subirem mais, o dólar ficar mais forte e as saídas de capitais aumentarem.

Assim, é urgentemente necessário um mecanismo eficaz para a resolução da dívida. Em especial, o Quadro Comum tem de ser alargado e *todos* os credores – tanto soberanos como privados – têm de assumir a sua quota parte de responsabilidade. A alternativa é o risco de crises de dívida desordenadas que prejudicariam todos os envolvidos.

Obviamente que a prevenção é o melhor remédio.

Maior transparência e melhor governação em matéria de dívida, assim como um sistema para a identificação precoce dos riscos, ajudarão a prevenir situações de sobre-endividamento. Nestas duas frentes, o FMI está a intensificar o apoio aos nossos países membros.

Desta forma, estamos a adotar uma **abordagem mais proativa**.

Durante a pandemia, os nossos empréstimos "preventivos" ascenderam a **141 mil milhões de dólares**, constituindo uma prova clara de como o acesso precoce a apoio do FMI pode ajudar a preservar a liquidez e suavizar os ajustamentos.

E nas vésperas destas reuniões, chegámos a acordo sobre uma nova vertente para choques alimentares que visa conceder financiamento adicional do FMI aos países mais afetados pela crise alimentar mundial.

Mais especificamente, a histórica alocação de DSE no ano passado contribuiu para o reforço das reservas de todos os países membros. E a recanalização de uma parte desses DSE continua a bom ritmo.

Trata-se de medidas vitais, mas não são suficientes. Temos de fazer mais e isto leva-me ao tema da **resiliência das pessoas**.

A pandemia acelerou a transição para a economia digital e do conhecimento que impulsiona a produtividade e prosperidade no século XXI.

O investimento em *todos* os aspetos do capital humano é uma prioridade para *todos* os nossos países membros, desde a saúde, educação e redes de proteção social até reformas que aumentam a igualdade e o acesso a tecnologias.

Uma vez mais, um desafio fundamental para os responsáveis políticos. *Uma vez mais*, o FMI está a intensificar os seus esforços.

Já estamos a implementar novas estratégias relacionadas com as desigualdades de género e os conflitos. Estão em curso esforços paralelos no âmbito das *fintech* que visam aproveitar o potencial dos pagamentos eletrónicos e das moedas digitais dos bancos centrais.

Os frutos destas medidas proativas e preventivas seriam enormes. As pessoas qualificadas, saudáveis e conectadas não só se adaptam e prosperam em novas indústrias, como também conseguem lidar melhor com choques, como aqueles decorrentes da crise climática.

Chego assim à importância de um planeta resiliente.

As alterações climáticas já estão a agravar os atuais desafios, comprometendo a segurança alimentar, perturbando as cadeias de abastecimento e destruindo infraestruturas essenciais.

Os estudos do FMI mostram que se atuarmos corretamente e já, os custos da transição verde podem ser geridos. Mas adiar a transição implica custos maiores e prejuízos enormes para a estabilidade macrofinanceira e o bem-estar das pessoas.

Uma vez mais, o FMI redobrou esforços, apoiando políticas para a mitigação, adaptação e transição e mobilizando todos os nossos instrumentos, tanto de assistência financeira como não financeira. A este respeito, é com satisfação que comunico que o Fundo de Resiliência e

Sustentabilidade já está operacional e que já existem acordos com **Barbados, Costa Rica e Ruanda** e já recebemos muito mais pedidos.

Graças à generosidade dos nossos membros, estamos a fazer bons progressos para converter mais de **40 mil milhões de dólares** de compromissos de financiamento em contribuições concretas. Dada a forte procura deste novo instrumento, apelo *àqueles com economias mais sólidas que intensifiquem o seu apoio*.

Permitam-me que conclua referindo o seguinte.

Desde a sua criação, **o FMI sempre se adaptou a um mundo em mudança**.

Em cada momento decisivo, os nossos antecessores olharam para o futuro e perguntaram-se: *Temos os instrumentos certos e os recursos certos para o mundo em que vivemos?*

Estamos agora num desses momentos decisivos e temos de nos colocar a mesma pergunta. Para encontrar a resposta certa, temos de analisar todas as opções e assegurar aos países membros que estaremos ao lado deles, com as capacidades e o financiamento adequados.

Aqui, gostaria de manifestar o meu reconhecimento ao maior ativo do FMI: **o nosso pessoal excepcionalmente resiliente** que realiza um excelente trabalho. Gostaria igualmente de **agradecer ao nosso Conselho de Administração e a todos os países membros** pelo vosso apoio constante.

Demonstraram que apesar da fragmentação que nos ameaça, as instituições de Bretton Woods continuam a unir-nos: **190 países que colaboram** em temas que são do interesse de todos. Todos os dias.

Estou confiante de que continuaremos a contar com o vosso apoio e solidariedade, para que juntos possamos fazer nossas as palavras de Keynes e construir um mundo mais resiliente para todos e um FMI virado para o futuro.

Obrigada.

##